

# SALVATORE LICCO HAIM<sup>1</sup>

(Sófia, Bulgária, 1946)



Salvatore Licco Haim, S. Paulo, 2015.  
Reproduzido do vídeo gravado por Raíssa Alonso.  
Acervo: Salvatore Haim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

---

1 Entrevista concedida por Salvatore Licco Haim a Rachel Mizrahi, pesquisadora do Arqshoah-Leer/USP. S. Paulo, 29.7.2015. Transcrição: Raíssa Alonso. Pesquisas: Blima Lorber e Maria Luíza Tucci Carneiro. Transcrição: Maria Luíza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

## *A história dos meus pais*

### O lado paterno

Meu nome é Salvatore Licco Haim, nasci em Sófia,<sup>A</sup> na Bulgária, em 11 de maio de 1946, exatamente um ano após o fim da Segunda Guerra Mundial. Considero a Bulgária um país meio fora do comum para a Europa daquela época. Quando começou a Segunda Guerra Mundial, havia 50 mil judeus na Bulgária. Quando terminou a guerra, havia os mesmos 50 mil judeus na Bulgária. Isso apesar de a Bulgária ter sido parte do Eixo e ligada a Hitler! Eles não eram antisemitas e, pelo contrário, fizeram de tudo para defender os seus judeus.

Meus pais chamavam-se Max Licco Haim e Berta Haim, e meus irmãos, Max Luiz Haim e Lola Max Haim. Sou casado com Silvia Haim com quem tenho dois filhos: Samantha Haim e Sacha Haim. Várias fotografias e fragmentos de filmes sobre os meus pais podem ser visualizados no vídeo *Berty e Licco*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e5B2JVGQq4Y>>.

Licco Max Haim, meu pai, nasceu em Viena (Áustria), em 30 de junho de 1910, filho de Max Azriel Haim e Helene Avram Haim (nascida Levy). Max Azriel Haim, meu avô paterno, nasceu em 19 de fevereiro de 1871, em Viena (Wien, Áustria). Tinha seis irmãos: Alfred Albert Haim, Moreno Haim, Heinrich Haim, Kamila Hainca Haim [Sarfati], Blanca Haim [Abdela] e Rachel Haim [Melamed]. Sobre Helene Avram Haim, minha avó, sabemos que nasceu em 8 de agosto de 1888, em Sófia, e que, quando se casou com

**A-** Sófia é a terceira capital europeia mais antiga, habitada desde tempos remotos com uma história de mais de sete mil anos. Em 1382, foi conquistada pelo Império Otomano e se tornou a capital da província turca de Rumélia durante mais de quatro séculos. Nessa época, a cidade passou de uma população em torno de sete mil habitantes a uma população de 55 mil habitantes, em meados do século XVII, contando hoje com 1.401.553 habitantes. Em 1879, após a conquista da Bulgária pelos russos durante a Guerra Russo-Turca, Sófia passou a ser capital de uma Bulgária independente. Em 16 de abril de 1925, membros do Partido Comunista búlgaro executaram o atentado na Catedral de Sveta-Nedelya, durante os funerais do general Konstantin Georgiev, que havia sido assassinado dois dias antes pelos bolcheviques, matando 128 pessoas. Durante a Segunda Guerra Mundial, por causa da aliança da Bulgária com o Terceiro Reich, a cidade foi objeto de bombardeios aéreos por parte dos aviões britânicos e americanos. Posteriormente, com a mudança do curso da guerra contra o *Wehrmacht*, o Exército Vermelho soviético entrou na Bulgária e ocupou Sófia em 1944. Ao mesmo tempo, a Bulgária uniu-se aos Aliados, contra a Alemanha nazista. Após o final da guerra, foi criada a República Popular da Bulgária, de tendências comunistas, tendo como presidente Georgi Dimitrov.



Sófia, cidade natal de Salvatore Licco Haim.  
Google Maps.

meu avô, em 1909, tinha 20 anos.<sup>A</sup> Sabemos pouco de minha avó, apenas que tinha um primo, um dos judeus mais ricos da Bulgária que se chamava Jacques Asseov. Todos da família, de ambos os lados, eram sefaraditas e, portanto, falavam o ladino. Pelo que sei, todos eram procedentes originalmente de Izmir Estreja. Minha avó materna falava turco.

A- Informações confirmadas por meio da árvore genealógica da família de Salvatore Licco Haim. Disponível em: <<https://www.geni.com/.../Salvatore-Haim/6000000005789214404>> e <[https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=https://www.myheritage.com/names/helene\\_haim&prev=search](https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=https://www.myheritage.com/names/helene_haim&prev=search)>. Acesso em: 31 jul. 2017.

## Uma história interessante

Na época anterior à guerra, começa a história interessante dos meus pais. Em 1929, um número enorme de pequenos comerciantes faliu com a grande crise mundial. Tanto meu avô paterno [Max Azriel] como meu avô materno, Elia Eshoua Hasan, faliram nesse momento. A crise do Império Otomano, em fins do século XIX, levou a que seus judeus buscassem emigrar: uma parte foi para a Áustria e a outra para a Bulgária. O meu avô paterno vivia na Áustria e tinha uma característica até que engraçada: era “cidadão turco de origem judaica nascido na Áustria”, assim estava registrado em seu documento. E do meu pai também, porque os austríacos não reconheciam o local de nascimento, valendo a ligação de sangue que dava a nacionalidade às pessoas.

Em 1929, meu avô Max Haim estava falido. Foi quando recebeu a oferta de um parente da sua esposa para ir à Bulgária ajudá-lo a liquidar uma empresa falida que havia recebido como pagamento. Era uma empresa que tinha algo a ver com automóveis. Meu avô e meu pai, com 19 anos, foram para lá e descobriram que a empresa falida era praticamente a única empresa na Bulgária que, naquela época, trabalhava com automóveis. Estamos falando de 1929, e esse parente era representante da General Motors e da Opel, que também era parte da General Motors. Meu pai, um garotão muito ligado à mecânica, convenceu meu avô a não liquidar aquela empresa e sim, pelo contrário, tentar recuperá-la. E conseguiram...!

Meu pai gostava de contar que a primeira ação deles foi colocar todos os carros que havia na empresa em cima de cavaletes, retirar as rodas com os pneus e vendê-las. Isso era a única coisa que, naquele momento, dava para comercializar, pois faltavam pneus na praça. Importar pneus era caro e complicado. Aí, quando acabassem os pneus, não haveria outro jeito, deveriam importar novos.

Diante dessa situação, meu pai descobriu que, segundo a legislação, a importação de um pneu era mais caro devido aos impostos do que a importação do eixo inteiro do carro com as rodas completas montadas. Então, ele começou a importar eixos de carro e, gradualmente, recuperou a empresa. Em meados dos anos 1930, conseguiu ser um jovem realizado, conhecido na Bulgária – segundo uma pessoa que nos visitou uma vez – como o “Senhor Automóvel” (*Gospodin Avtomobil* ou ГОСПОДИН АВТОМОБИЛ), ou seja, a pessoa que mais entendia de carro no país.

Ele gostava de curtir a vida, tanto que tinha namoradas, de tudo quanto é tipo, inclusive parece que uma namorada era alemã. Para um judeu durante a época do nazismo, isso era crime. Uma prima dele chegou a alertá-lo:

– Licco... assim não dá! Vão acabar te prendendo e te mandando pra campo de extermínio fora da Bulgária. Você namorando uma alemã? Onde já se viu isso? Não pode essas coisas. Você precisa casar!

Ele concordou, mas lhe pediu para arrumar uma esposa com algumas condições: teria que ser esportista e não poderia ser rica. Mas por que não poderia ser rica? – perguntou-lhe a prima.

– Porque a vida é assim... nós já fomos muito ricos, já fomos muito pobres, estamos muito bem de vida agora... Se ela sempre foi rica, o dia em que a gente ficar pobre, ela não vai aguentar. E eu não quero ter esse problema!

Daí acharam a minha mãe que não era rica, mas que estava bem de vida, sendo seis anos mais moça que o meu pai. Ela, desde os 13 anos, trabalhava para ajudar a sustentar a família. Casaram-se e ficaram juntos uns 55 anos, até ela falecer em 1967, com 81 anos em S. Paulo (Brasil). Meu pai tinha 91 anos quando também faleceu em S. Paulo (Brasil), no ano de 2002.

## O lado materno

Minha mãe chamava-se Berta Elia Hasan, nasceu em 1916, em Sófia (София, София-град, България), filha de Elia Eshoua Hasan e Estreja (Babuska) Hasan. Sua irmã, minha tia, chamava-se Sara Elia Hazan (que depois virou Eva). Minha avó Estreja nasceu em 19 de novembro de 1887, em Sliven<sup>A</sup> (СЛИВЕН, Bulgária), sendo filha de Iosif Michael (Iosif Mnachen) e Elia Eshoua Hasan, portanto meus bisavós. Meu avô Elia Eshoua Hasan nasceu em 1886 e morreu em Sófia (София-град, Bulgária), onde foi enterrado. Berta também teve um irmão – Salvatore Hasan – que faleceu em 1942, em campo de trabalhos forçados.

Em 1929, minha mãe estudava em colégio alemão, o melhor que havia em Sófia. Havia perdido o pai que, segundo ela, morreu de desgosto. Isso é uma história muito triste. Elia Eshoua Hasan, seu pai e meu avô, era uma pessoa relativamente religiosa e tinha lugar reservado na primeira fila da sinagoga com aquela caixinha trancada para guardar seus pertences pessoais.

Quando ele faliu, ficou sem valor para contribuir, perdendo seu armário. Segundo minha mãe, então uma garota de 13 anos, ele morreu de desgosto, por ter perdido o armário e não por ter falido. Aliás, até hoje na sinagoga, quem contribui tem um lugarzinho fechado para guardar as coisas, assim como ele tinha direito ao armário. Perder esse direito fez com que ele se deprimisse e acabou falecendo.

A minha avó [Estreja Hasan] era dona de casa e mãe de três filhos: minha mãe era a filha caçula, muito boa aluna. Então, o que os filhos fizeram para ajudar a mãe, minha avó? Foram trabalhar. A minha mãe aos 13 anos dava aulas particulares para depois estudar contabilidade e trabalhou como contadora.

## ***Durante a Segunda Guerra Mundial***

### **Os judeus na Bulgária**

Com o começo da guerra, as coisas começaram a se complicar para os judeus, mas na Bulgária relativamente pouco, porque os búlgaros não eram antissemitas. Para quem não sabe, a Bulgária é um dos pouquíssimos países onde os judeus não tiveram problemas sérios, inclusive o número é curioso: havia 50 mil judeus no começo da guerra na Bulgária e 50 mil judeus no final. Acho que só a Dinamarca pode ser citada como um país com tais características, com uma diferença: ela mandou-os embora, enquanto a Bulgária segurou-os. O que houve na Bulgária de ruim é que naquele período o país entrou na guerra ao lado de Hitler, parte do Eixo.<sup>A</sup> Hitler prometeu ao rei da Bulgária [czar Boris III]<sup>B</sup> e cumpriu que devolveria os territórios que a Bulgária havia perdido na Primeira Guerra Mundial.

**A-** *As potências do Eixo* (em alemão: *Achsenmächte*; em italiano: *Potenze dell'Asse*; em japonês: 枢軸国 *Sūjūkoku*), grupo também identificado pela expressão *Aliança do Eixo*, *Nações do Eixo* ou apenas *Eixo*, foram os adversários dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Apresentavam-se como parte de um processo revolucionário que visava quebrar a hegemonia plutocrático-capitalista do Ocidente e defender a civilização do comunismo. A institucionalização do *Eixo* surgiu a partir do *Pacto Anticomintern*, um tratado anticomunista assinado pela Alemanha e pelo Japão em 1936. A Itália aderiu ao pacto em 1937. O “Eixo Roma-Berlim” tornou-se uma aliança militar em 1939 com o *Pacto de Aço* e integrou seus objetivos militares em 1940 com o *Pacto Tripartite*. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Eixo ocupou grande parte da Europa, ou seja, a África, a Ásia e as ilhas do Oceano Pacífico. A dissolução dessa aliança ocorreu com a derrota do Eixo em 1945.

**B.** Sobre esse tema, ver o livro de autoria de Stephane Groueff, *Crown of thorns: the reign of King Boris III of Bulgaria, 1918-1943*, publicado pela Madison Book, 1998, uma fascinante biografia do monarca Boris III, baseada na correspondência privada e entrevistas com membros da família real da Bulgária. O pai do autor, Pavel Gruev, que havia sido chefe de gabinete do rei Boris III, foi executado em 1944 por um “tribunal do povo”, quando a Bulgária tornou-se comunista.

A parte triste é que, de um lado, para satisfazer, entre aspas, seu “parceiro-chefe” (Hitler), a Bulgária permitiu a extradição dos judeus das áreas novas do país. Os judeus que estavam na Bulgária tradicional não tiveram problemas.<sup>A</sup>

## Do confisco dos bens aos trabalhos forçados

A situação começou a se complicar para os judeus da Bulgária em 1941, quando os alemães exigiram que as leis antissemitas fossem aplicadas no país. Uma das primeiras ações foi o confisco das empresas dos judeus. Em particular, confiscaram a empresa do meu pai, a American Car Company, sobre a qual tenho um livro, em que constam em búlgaro as trocas de correspondências mandando confiscar a empresa, falando do meu pai, do tal do tio dele etc.



Empresa de Max Licco Haim em Sófia, Bulgária, s. d.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Salvatore Haim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

A- A Bulgária havia perdido, na Primeira Guerra Mundial, antigos territórios etnicamente históricos, entre os quais a região de Dobruja do Sul, perdida em 1913, a Macedônia e a Trácia. Na década de 1930, por identificação ideológica, aproximou-se da Alemanha nazista. Em 1940, recebeu de volta da Romênia a região de Dobruja do Sul, o que foi imposto pelo Tratado de Craiova. Se a Bulgária aderisse ao Eixo, a Alemanha ampliaria o território búlgaro até as fronteiras definidas no Tratado de Santo Estevão. A Bulgária participou da invasão da Iugoslávia e Grécia, permitindo que os soldados alemães transitassem por seu território e enviando tropas para a Grécia em 20 de abril. Como recompensa, o Eixo atribuiu à Bulgária a ocupação de partes dos dois países – sul e sudeste da Iugoslávia (Vardar Banovina) e nordeste da Grécia (partes da Macedônia grega e Trácia Ocidental). Apesar da pressão da Alemanha, a Bulgária não tomou parte da invasão da União Soviética e não declarou guerra aos soviéticos. Em dezembro de 1941, logo após o episódio em Pearl Harbor, o governo búlgaro declarou guerra aos Aliados ocidentais, ação que permaneceu em grande parte simbólica (do ponto de vista búlgaro) até agosto de 1943, quando a Força Aérea da Bulgária atacou bombardeiros dos Aliados, em missão sobre refinarias de petróleo na Romênia. O ocorrido trouxe graves consequências para os civis e autoridades búlgaras, desencadeando uma série de ataques e bombardeios em Sófia e outras importantes cidades da Bulgária durante o inverno de 1943-1944.

### *Vozes do Holocausto*

Todos os homens judeus da Bulgária, dentro de certa faixa etária, foram mandados pelos nazistas para os campos de trabalho forçados, administrados pelo Exército búlgaro. Em 1941, meu pai foi levado para um desses campos, conforme registrou em alguns filmes que fez no local e também como costumava nos contar. Hoje, sabemos que esse campo foi em 1941, entre aspas, “tranquilo”: assim que eles terminavam a cota de trabalho do dia, estavam livres. Como meu pai era alpinista, costumava ir escalar com alguns amigos. Logo perceberam que, se eles ajudassem os companheiros a terminar a cota mais cedo, poderiam escalar um pouco mais.

Em algumas cenas do filme feito pelo meu pai, é possível vê-lo escalando justamente nesse local que, até então, não sabíamos onde era. Um pesquisador americano que trabalhou na embaixada da Bulgária descobriu a lista dos prisioneiros desses campos, conseguiu cópias e hoje é possível pesquisar. Após assistir ao filme de meu pai, esse pesquisador informou que poderia ser uma região “x” da Bulgária, e, com base em algumas fotografias tiradas por parentes, decidimos investigar. Meu primo, Benislav Minev, que mora na Bulgária, hoje com 70 e poucos anos, aposentado, pesquisou a lista [manuscrita] e encontrou o nome de meu pai! Agora sabemos o nome do campo: Lakatnik. Comparando com fotos atuais da região, constatamos que nelas ainda existem a mesma ponte de fundo e o prédio com uma torre atrás, hoje meio escondido por árvores grandes. Lá está a estrada que eles construíram... Aliás, uma “senhora estrada”! Agora temos certeza do lugar, Lakatnik que está no filme feito pelo meu pai.

Os campos de trabalho forçados na Bulgária não possuíam alojamentos de verdade, apenas barracas. Funcionavam no verão, pois, durante o inverno, nem dava para quebrar pedra por



Trabalhos forçados no campo de Lakatnik, na Bulgária, 1942.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Salvatore Haim, SP/Arqshoah-Leer/USP.

*Salvatore Licco Haim*

causa da neve e do frio. Então, no verão de 1942, os judeus foram novamente convocados para ir trabalhar nesse campo.



Registros realizados por Max Licco Haim, pai de Salvatore Haim, no campo de trabalhos forçados. Lakatnika, Bulgária, 1942. Fragmentos do filme, cujos originais encontram-se sob a guarda do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, em Washington, DC, doados pela família em 2015.<sup>A</sup>

Meu pai foi dispensado porque eles precisavam de pessoas capazes para consertar veículos. Como meu pai era um mecânico famoso, não foi para o campo; ficou consertando carros. Foram seus amigos Achevov, Albert Kaleff e Haru Haimov, este também um alpinista, que vieram também para o Brasil. Parece-me que ninguém fugiu. O irmão de Berta também foi para um campo (não o mesmo). Acabou falecendo por uma pancada na cabeça e foi enviado ao hospital.

A- Imagens reproduzidas de fragmento de filme produzido por Max Licco Haim, Bulgária, 1941-1942. Parte dos filmes está disponível no Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, em Washington, DC. A coleção pode ser acessada em: <https://www.ushmm.org/online/film/search/result.php?titles=Licco+Max+Haim+Collection>.

## ***O destino dos meus pais: de Sófia para Gabrovo***

Aconteceu que mandaram todos os judeus saírem de Sófia. Meu pai e minha mãe foram mandados para Gabrovo, uma cidadezinha não tão pequena da Bulgária. Novamente, como meu pai era conhecido, o prefeito da cidade lhe devia favores por consertar carros. Então, ele pegou um camarada para andar pelas ruas da cidade tocando tambor e, abraçado com meu pai e minha mãe, caminhou pelas ruas da cidade para todo mundo ver que eles eram seus protegidos. Então, não tiveram muito problemas, conseguiram lá um quartinho para eles.

Os judeus búlgaros foram colocados em um trem que só sairia se o rei da Bulgária autorizasse. O rei não foi localizado, “pois tinha ido à caça” para não ser mesmo encontrado. Os macedônios e os ciganos ameaçaram: se o trem saísse, eles explodiriam as pontes. Daí, o trem não saiu.



Judeus búlgaros colocam suas bagagens no vagão de trem após terem sido capturados pela polícia e por soldados da Bulgária, colaboracionistas da Alemanha nazista. Sófia, s. d.

Fotógrafo não identificado.

Disponível em: <<http://esefarad.com/?p=19997>>.

Acesso em: 30 jul. 2017.

Nessa época, a comida já era um problema para todo mundo... Um dia, de algum jeito, minha mãe ganhou um saco de ervilha em pó. Em casa, quem costumava cozinhar era a minha avó, pois minha mãe, diga-se de passagem, havia feito curso de contabilidade e trabalhado como contadora. Ela não tinha a menor ideia de como se fazia comida, nunca tinha, realmente, sido cozinheira. Bem, ela pegou um pouco daquela ervilha em pó e colocou na água para fazer uma sopa. Colocou numa panela e esquentou... Aquilo começou a crescer, crescer, crescer e virou um bloco. Percebeu que havia errado na dose, obviamente! Cortou aquilo em quatro,

pegou um quarto e colocou novamente na panela... Achou que fazia sopa...! Cresceu, cresceu, cresceu... de novo! Até que conseguiu achar a dosagem certa: tomaram sopa de ervilha naquele jantar, no almoço seguinte, no jantar seguinte. Depois de alguns dias, ninguém aguentava mais olhar para aquele bloco de ervilha. Minha mãe pegou aquilo e jogou no pátio para as galinhas comerem. Resultado: no dia seguinte, todas as galinhas amanheceram mortas.



Oficiais búlgaros conversam com mulheres judias que, em seguida, seriam deportadas para o campo de Treblinka. Sófia, s. d. Fotografia não identificado.

Disponível em: <<http://esefarad.com/?p=19997>>.  
Acesso em: 31 jul. 2017.

É uma história meio doida, mas é uma das histórias, uma das pouquíssimas histórias, que eles contaram dessa fase da vida deles quando estiveram fora de Sófia. Minha avó não estava com eles, pois as pessoas com idade ficaram em Sófia. Com ela ficou também a minha tia que era casada com Minev, um não judeu e búlgaro. Então, eles não sofreram muito, pois permaneceram em Sófia. Tiveram um filho em 1942 – Denislav Minev – e, após a guerra, um outro filho, Ilko Minev, autor do livro *Onde estão as flores?* (2014), uma semana mais velho do que eu e que vive em Manaus.

## Albert Göring e os judeus da Bulgária

Na Europa daquele tempo, existiu um camarada chamado Albert Günther Göring,<sup>A</sup> irmão de Herman Göring, braço direito de Hitler. Albert Göring foi colocado para ser o presidente da Skoda, na Tchecoslováquia. A Skoda era uma fábrica muito importante, pois, além dos automóveis,

A- A história de Albert Göring veio a público recentemente após a divulgação de documentos encontrados em arquivos britânicos revelando que salvou da morte vários judeus. Era o irmão mais jovem de Hermann Goering, fundador da *Gestapo*, braço direito de Hitler. Criado em um castelo na Bavária, mudou-se para Viena onde trabalhou na indústria cinematográfica, tendo muitos amigos de origem judaica que ajudou a salvar forjando o nome de seu irmão para falsificar documentos. Segundo testemunho de Licco Max Haim, pai de Salvatore Haim, Albert costumava enviar caminhões para os campos de concentração nazistas requerendo trabalhadores judeus que, em seguida, eram libertados assim que atingiam pontos na floresta. Por causa do seu sobrenome, Albert, no pós-guerra, foi considerado nazista, preso e julgado em Nuremberg. Alguns dos judeus que havia salvado apresentaram declarações juramentadas com essa informação, salvando-o da acusação de criminoso de guerra. Mas, para o resto da vida, não conseguiu levar uma vida normal, carregando o peso do seu sobrenome. Ele caiu em depressão profunda e se tornou um alcoólatra. Passou a depender de uma pequena pensão e de pacotes de alimentos enviados por judeus que ele salvara. Morreu em 1966.

## *Vozes do Holocausto*

fabricava turbinas de energia elétrica e coisas assim. Por uma coincidência, o meu tio Minev, pai do Ilko, era diretor-gerente da Skoda do setor de turbinas na Bulgária. E, de vez em quando, Göring ia para a Bulgária, que fazia uma parte do mercado alemão, e conhecia meu tio, meus pais e minha tia. Um belo dia, ele chegou para o meu tio e disse:

– Manda sua esposa e a sua cunhada vestirem suas melhores roupas... Vocês se vestem muito bem, vocês dois também, porque vamos à ópera.

– Nossa, vamos à ópera por quê? – perguntou, sem entender bem do que tratava.

– Porque eu vou levar vocês hoje à noite à ópera. Hoje eu tenho o direito de usar a frisa do rei, que é o lugar mais nobre da ópera. E eu quero que as pessoas vejam que vocês são meus protegidos.

Bem, nós sabemos dessas histórias que tanto meu pai quanto meu tio contavam, e isso nos deixou saber que eles que estavam relativamente bem. Essa conversa com Albert Günther Göring deve ter sido em 1940-1941. Hoje sabemos que ele fez isso também com muitos outros judeus, tanto da Bulgária quanto de outros países. Recentemente, saiu um livro, que eu não sei o nome, sobre a história e a obra de Albert Göring.<sup>A</sup> Um dos assuntos narrados nesse livro é sobre isso. É incrível! Ele pegou caminhões foi para um dos campos de concentração, não me pergunta qual, e falou: “Estou precisando de trabalhadores, na fábrica, na Skoda”. Escolheu vários homens e os levou para trabalhar na Skoda, onde ficaram por uns dias e depois foram libertados. O irmão

A- Várias matérias foram publicadas pela mídia internacional divulgando a história de Albert Göring e o salvamento de judeus na Bulgária. Ver: BRENNAN, Zoe, The Goering who saved Jews: While Hermann masterminded the Final Solution his brother Albert rescued Gestapo victims. *Daily Mail Online*, 9 Apr. 2010, disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-1264738/The-Goering-saved-Jews-A-new-book-reveals-Hermann-masterminded-Final-Solution-brother-Albert-rescued-Gestapo-victims.html#ixzz4Ggyfyf>>. Acesso em: 31 jul. 2017.



Albert Günther Göring, irmão de Herman Göring, que salvou vários judeus da morte.

Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-1264738/The-Goering-saved-Jews-A-new-book-reveals-Hermann-masterminded-Final-Solution-brother-Albert-rescued-Gestapo-victims.html>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

Ordem Número	Nome	Profissão (do pai do homem)	Anterior Localidade	Estado- Cidadania	Localidade de destino
1	Eduard Dr. Alsegg	Diretor, Indústria	Wien	Hungary	Rom
2	Alfred Barbach	Procurador, Indústria	Wien	Austrian	Wien
3	Eduard Benaroya	Grande Comerciante	Buda	Bulgarian	Paris
4	Eduard Benkassat	Grande Comerciante	Wien	Polen	Budapest
5	Prof. Dr. med. Bauer	Medicina, Indústria	Wien	Austrian	Wien
6	Prof. Dr. med. Charvat	Interno	Prag	Tcheco	Prag
7	Prof. Dr. med. Divis	Químico	Prag	Tcheco	Prag
8	Procurador Spatzen	Indústria	Paris	Francês	Paris
9	Dr. jur. W. Gröss	Diretor, Indústria	Wien	Austrian	Wien
10	Michael Hochensinn	Comerciante	München	Austrian	München
11	Ing. Klem Hromádka	Presidente, Indústria	Prag	Tcheco	Prag
12	Engenheiro Josef Ferdinand	Erzherzog von Österreich	München	Austrian	München
13	Ing. Georg Kantor	Engenheiro, Indústria	Budapest	Hungary	Budapest
14	Dr. med. L. Kovacs	Interno	Rom	Hungary	Rom
15	Brauhaus Lecher	Indústria	Wien	Polen/Böhm.	Budapest
16	Procurador St. Likar	Procurador, Indústria	Wien	Austrian	Wien
17	Procurador X. Maschek	Diretor, Indústria	Budapest	Hungary	Budapest
18	Dr. med. Meitner	Interno, Indústria	Wien	Austrian	Wien

Lista com os nomes dos judeus salvos por Albert Göring apresentada no julgamento de Nuremberg.

Disponível em: <<http://bashny.net/uploads/images/00/00/03/2013/08/17/efe19b.jpg>>.

Acesso em: 30 jul. 2017.

Herman Göring ficou sabendo e deu ordem de prisão para o irmão que depois foi libertado.

Essa história não tem nada a ver com o Brasil, mas tem relação com a minha família na Bulgária. Albert Göring, no final da guerra, foi preso, processado e condenado. O que ele tinha na sua defesa? “Olha, eu salvei muitos judeus e sei o nome de alguns”, disse. Sei que existe uma lista com esses nomes e também dos juizes que decidiram procurar por esses judeus. Naquele momento, acharam um que era um alto militar em Israel e que testemunhou por ele. Albert Göring foi libertado.

## Recomeçando a vida no pós-guerra

### Uma empresa falida

Quando terminou a guerra em 1945, devolveram a empresa para o meu pai, evidentemente falida! Durante a guerra, a empresa faliu. A partir desse momento, começou a trabalhar para recuperá-la. Eu nasci em 11 de maio de 1946 e meu primo Ilko Minev no dia 3 de maio do mesmo ano. Nós moramos um tempo numa vila, na

periferia de Sófia e não no apartamento em que a gente nasceu, que ficava no centro. Lá moravam meus tios, meus pais, minha avó materna e meus avós paternos, meus dois primos e eu. A “regra” era de que precisávamos aprender línguas, a única coisa que, com certeza, guardamos para sempre. Educação sempre foi a grande preocupação dos judeus. Então, a dinâmica era esta: minha avó Estreja falava com a gente em ladino,<sup>2</sup> minha tia em búlgaro e minha mãe em alemão. Eles nos obrigavam – é evidente que com 2 anos não falávamos muita coisa – a falar nas três línguas: se eu fosse pedir um copo de água para minha avó, em ladino, ela respondia em búlgaro: “Não posso, vá pedir para sua tia”. Minha tia respondia em alemão: “Não, pede para sua mãe”. Resultado: aprendemos, desde criancinhas, três idiomas.

Em 1948, a empresa do meu pai estava indo razoavelmente bem, mas aí chegaram os comunistas. Fizeram o quê? Tomaram as empresas de todo mundo, dessa vez não apenas dos judeus. Desanimado, meu pai falou: “Ah, não! Agora chega, não aguento mais. Vamos embora daqui”. Com os contatos que ele tinha, conseguiu autorização para sair da Bulgária sem ir para Israel, porque, nessa época, uma grande parte, ou melhor, quase todos os judeus emigraram para Israel. Por quê? Porque os comunistas permitiam.

Conseguiu a autorização que, segundo ele, apenas oito famílias conseguiram para sair da Bulgária sem ter Israel como destino. Ele achava que tinha bastante dinheiro na Suíça, não em banco suíço, mas sim na General Motors. Lembro aqui que, em 1930 e pouco, as coisas começaram a se complicar na Alemanha e na Áustria, com a ascensão de Hitler

---

2 Ladino (em ladino: *el judeo-panyol*) é uma língua semelhante ao castelhano. Estima-se que ainda seja falada por cerca de 150 mil indivíduos em comunidades sefarditas, em Israel, nos Balcãs, no Oriente Médio e norte de Marrocos. Também é conhecida como *espanhol sefardita* e *judeo-espanhol* (*el judezmo*). Língua extinta na Península Ibérica, onde existiram grandes comunidades judaicas. Compõe-se de uma mistura de palavras hebraicas, usadas no dia a dia, com a língua da região, que podia ser o castelhano, o português, o árabe ou o catalão. A língua judeu-espanhola se desenvolveu por vários séculos separada por completo da mãe pátria (*Sefarad*, Península Ibérica), sendo a língua dos judeus sefarditas nas cidades da Europa Oriental (Bósnia, Sérvia, Macedônia, Grécia, Bulgária, Romênia e Turquia) onde viviam alguns milhares, descendentes dos judeus espanhóis expulsos da Espanha em 1492 e de Portugal logo depois, que encontraram asilo no Império Turco. Contudo, a maioria desses judeus procedia de terras espanholas. Após a Segunda Guerra Mundial, os emigrantes sefarditas se instalaram em Israel, nos Estados Unidos (sobretudo em Nova York e Los Angeles) e na América espanhola (Buenos Aires, Cidade do México, Caracas, San Juan), enquanto um pequeno número retornou para a Espanha. Alguns poucos foram para o Brasil, especialmente para Belém do Pará (marroquinos). Atualmente, o judeu-espanhol é utilizado unicamente pelos velhos nas comunidades sefarditas, não sendo transmitido às novas gerações. Muitos judeus sefarditas têm o ladino como sua língua materna, porém seu uso se restringiu à infância, mais ou menos como é o caso do iídiche.



Passaporte da família Haim: visto de trânsito o para Suíça.  
Milano, 19 de agosto de 1948.  
Acervo: Salvatore Haim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

ao poder. Nessa época, meu pai teve a ideia de pegar uma parte do dinheiro que tinham e fazer um pedido de caminhões para a Suíça, em nome da General Motors. Antecipou um pagamento no valor de dez mil dólares americanos para GM na Suíça. Fez também um pedido de pneus para outra fábrica, cujo nome era Kelly Tires, e pagou antecipado

400 dólares. No dia seguinte, enviou um telegrama dizendo: “Suspende a remessa dos caminhões”. E deixou o dinheiro parado lá.

## Em busca de um visto: 1948

Em 1948, nós quatro saímos da Bulgária em direção à Suíça: meu pai, minha mãe, minha avó materna [Estreja Hasan] e eu. Tínhamos o direito de levar apenas um baú cada um com os nossos pertences. Nesse baú, meu pai colocou seus filmes, *slides* e outros documentos, além das nossas roupas. Resolveram levar a minha avó materna para cuidar de mim, porque eles sabiam que teriam que trabalhar. Alguém tinha que cuidar do nenê. Nessa época, eu tinha apenas 2 anos, pois nasci em 1946.



Família Haim deixando a Bulgária, junho de 1948.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Salvatore Haim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Chegando à Suíça, meu pai foi à GM para tentar resgatar aquele dinheiro. Foi quando lhe perguntaram:

- Mas, seu Licco, o senhor não sabe o que aconteceu?
- Não, o que houve? – perguntou.

### *Salvatore Licco Haim*



Estreja Hasan, avó materna de Salvatore Licco Haim, deixando a Bulgária com a família, 1948.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Salvatore Haim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

– Seu Licco, o senhor era da Bulgária. Como a Bulgária era um país inimigo dos Estados Unidos, seu dinheiro foi confiscado pelo governo americano.

Ele tentou explicar, nada! Depois, nós tentamos também, há uns 10 ou 12 anos...! Mas esse dinheiro nunca foi recuperado: dez mil dólares americanos no fim da guerra era MUITO dinheiro. Ele achava que, com essa reserva, estava muito bem de vida e, fosse para onde fosse, poderia recomeçar tranquilamente a vida. Não foi bem assim...! Foi quando um amigo do meu pai que estava na França lhe escreveu sugerindo que fôssemos para Paris: “Venham para Paris, pois aqui é fácil conseguirem os vistos. Há todas as embaixadas, você pede o visto para algum lugar e fica morando aqui com a gente”. Aliás, esse mesmo amigo já havia ajudado meus pais quando



Salvatore Licco Haim despedindo-se de um amigo ao deixar a Bulgária com a família, 1948.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Salvatore Haim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

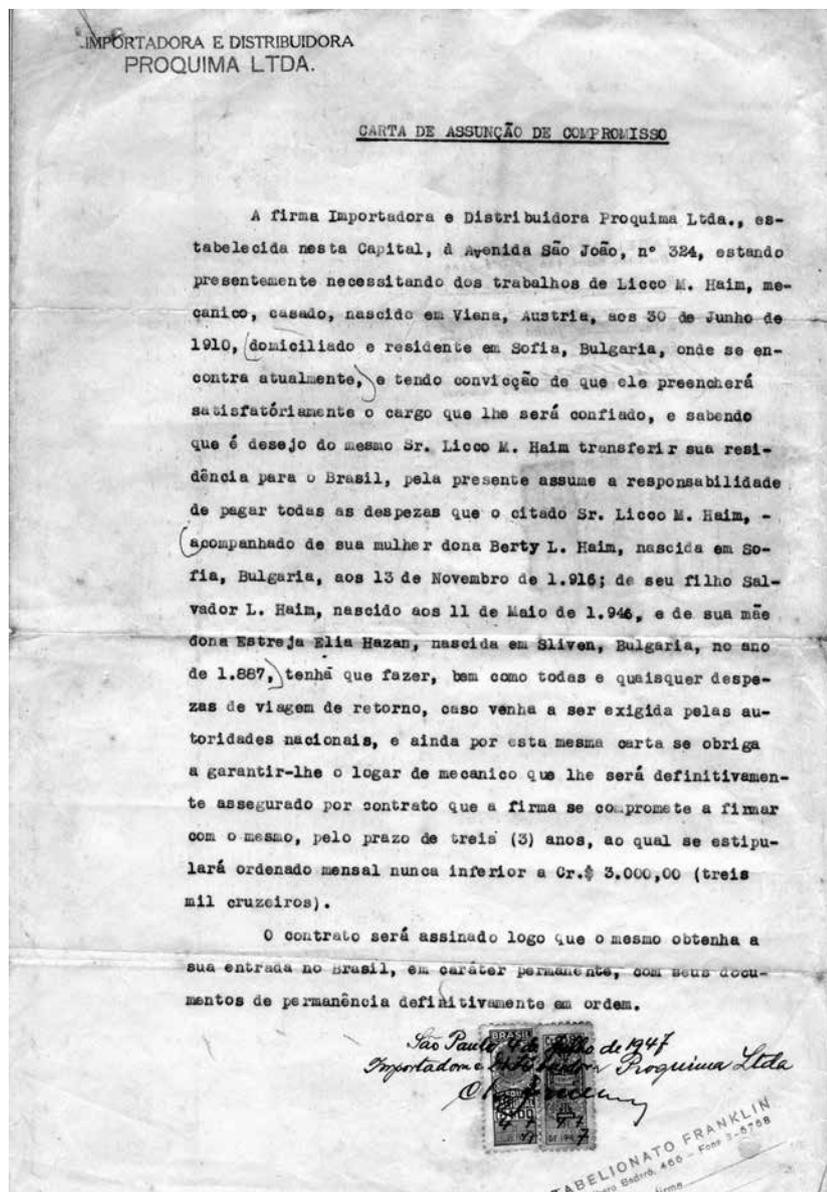
eu nasci. Ele conseguiu nos enviar um rolo de tecido (algodãozinho) para minha mãe, fraldas, pois, na Bulgária, esse produto não existia. Minha mãe usava pedaços de lençóis ou outro tecido qualquer para fazer as minhas fraldas. No entanto, esse tecido de algodãozinho não era branco, era preto... um luxo danado: fraldinhas pretas. A vida era muito complicada naquele momento.

Em Paris, meu pai entrou com um pedido de visto para Austrália, Estados Unidos, Canadá, Argentina, Nova Zelândia

e Brasil. Ele sabia que não tinha chance de conseguir visto para algum país da Europa, que estava destruída. Na Argentina, minha mãe tinha um irmão, meu tio, com o qual mantinha

## Vozes do Holocausto

algum contato. No Brasil, minha mãe tinha contato como Carlos Freier, seu ex-chefe, para quem havia trabalhado como contadora na Bulgária. Ele era alemão e não falava búlgaro, isso eu lembro, e havia fugido antes da guerra para o Brasil, onde tinha uma pequena empresa. Assim, ele nos enviou uma *carta de chamada* que, naquela época, era um documento que dizia que a pessoa “x” seria útil no Brasil e que tinha emprego garantido para o sustento da



Carta de chamada da Importadora e Distribuidora Proquima Ltda. a Max Licco Haim para trabalhar no Brasil. S. Paulo, 4.7.1947.  
Acervo: Salvatore Haim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

família. Ver cópia da carta de chamada. Única coisa muito curiosa: a carta de chamada não devia ser em nome da minha mãe, porque mulher não contava. Meu pai nem era contador, nem entendia nada disso: era mecânico! Como mulher não podia receber carta de chamada, o documento foi enviado em nome do meu pai. Com isso, ele conseguiu liberar o visto para o Brasil que saiu antes dos outros pedidos. Assim, viemos para o Brasil.



Passaporte da família Haim: Berta, Max e Salvatore Licco Haim, com apenas 2 anos.  
Acervo: Salvatore Haim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

## O Brasil como destino

### Um diário de bordo

Nossa viagem de Sófia até S. Paulo levou seis meses, foi assim um tempo razoável. Seis meses... entre ir para a Suíça, depois para França, conseguir o visto, comprar as passagens, ir para Marselha e pegar o navio e atravessar o Atlântico até o Brasil. A travessia também foi demorada. Imaginem que o navio era “tão bom” que depois ele continuou a viagem até Buenos Aires onde foi sucateado. Nem voltou para a Europa.

## Vozes do Holocausto

Nossa viagem foi feita a bordo de navio Jamaïque, na terceira classe... Era quase um navio negreiro. Existia um cômodo grande para os homens. Por uma daquelas outras coisas, muito malucas, o meu pai, que nunca foi muito de escrever, fez um diário de bordo durante



Salvatore Licco Haim com a mãe Berta Haim e Estreja Hasan, a avó materna, no navio Jamaïque, com destino ao Brasil, 5.10.1948.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Salvatore Haim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

a viagem, contando quase que o dia a dia dessa travessia. Esse diário ele escreveu numa máquina de escrever com cópias, que mandou para “não sei pra quem” e uma via guardou consigo. Essa cópia foi usada pelo meu primo Ilko ao escrever seu livro *Onde estão as flores?*. Um dos capítulos do livro é baseado no diário de bordo do meu pai, cujo capítulo recebeu o subtítulo de “Lua de mel em Jamaïque”. Ilko fez aqui uma adaptação tirando a parte em que meu pai fala da minha avó e de mim, porque, no romance, meus pais ainda não tinham filhos. Nessa versão romanceada, durante a guerra eles fugiram para Turquia e depois embarcaram no Jamaïque, tendo o Brasil como destino.



Página do passaporte com o visto de transição do consulado do Brasil em Milão para a família Haim com destino ao Brasil.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Salvatore Haim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

## Recomeçando a vida em S. Paulo

Na verdade, o navio Jamaïque não foi para Belém, como Ilko escreveu no seu livro *Onde estão as flores?* O navio quebrou no caminho, e aí meu pai ajudou a tripulação a dar um jeito. O navio atracou no Rio de Janeiro, em outubro de 1948. Passeamos um pouco no Rio, conforme está descrito no diário, mas não no livro do Ilko. Em seguida, viemos para o porto de Santos onde desembarcamos, porque meu pai tinha a carta de chamada para trabalhar em S. Paulo. Há outras histórias: minha avó não tinha olfato, ou seja, não sentia cheiro. Enquanto meus pais estavam liberando a bagagem, ela foi até um boteco para usar o banheiro. Como não sabia falar português, ela falou em ladino, ninguém a entendeu. Então, ela disse assim: “Senhor... [um barulho com a boca para indicar flatulência] e logo localizou o W. C. Ela adorava contar essa história! Vivia contando essa história...!”

## Novos empregos, nova casa

Vimos para S. Paulo, e, como minha mãe tinha um emprego garantido como contabilista, imediatamente começou a trabalhar. Meu pai – que havia conseguido uma carta de recomendação pela GM da Suíça – foi procurar o distribuidor da GM aqui no Brasil – a Cássio-Muniz – que, por coincidência, estava procurando um comprador de peças. Ele também começou a trabalhar imediatamente. Uma curiosidade: assim que começou a trabalhar na Cássio-Muniz, fez um pedido de peças. Quando vieram entregar o pedido, o vendedor deixou um envelope em cima da mesa do meu pai que achou esquisito. Abriu o envelope, viu que estava cheio de dinheiro e, obviamente, entendeu que o comprador anterior recebia propina para comprar. Ele foi até o chefe e falou: “Olha, pelo visto, nós tínhamos direito a um desconto”. Entregou o envelope, e essa história rende risos até hoje.

Uma irmã do chefe da minha mãe, que era construtora, havia comprado uns casarões antigos na esquina da Praça da República com a Rua Baronesa de Itu, onde pretendia construir um novo edifício. Esse prédio ainda existe: é do Clube de Xadrez, na Praça da República. Naquela ocasião, ela autorizou que ficássemos morando em um dos casarões que ainda estava para ser demolido. Esse casarão era tão bom que, quando chovia, punham

o meu berço embaixo da mesa e quando parava a chuva meu pai subia no telhado e ficava recolocando as telhas para não chover tanto onde a gente estava abrigado. Mas foi melhor do que morar na Hospedaria dos Imigrantes. Então, assim que chegamos a S. Paulo, fomos direto para essa casa. Assim que as condições melhoraram, alugamos um apartamento na Rua Sabará, onde moramos durante muitos anos.

## Ladino, nossa identidade

Quando chegamos a S. Paulo, fui estudar em uma escola que existia na Avenida Paulista – “Jardim Escola S. Paulo” –, onde muitos dos imigrantes daquela época cursaram o pré-primário e início do primário. Lá havia uma professora de fonética que disse a meus pais: “Olha, não falem em ladino com ele, senão ele sempre vai ficar com sotaque em português”. Aí, minha avó passou a falar búlgaro comigo; meus pais continuaram falando alemão, e eu aprendi português... e, o ladino, eu perdi, infelizmente. Eu falo búlgaro até hoje de forma bastante fluente, apesar de não saber escrever o idioma, pois nunca aprendi o alfabeto cirílico. O mais curioso é que quando estive na Bulgária, por ocasião do lançamento do livro do Ilko no ano passado (2015), o búlgaro que eu falava era de quase um século atrás. Herança da minha avó.

## *Revelando os filmes*

Nesse momento é que entra a história do meu pai que foi parar no Museu de Washington: meu pai, durante o tempo que esteve em campo de trabalho forçado, fez vários filmes. Esse era um dos seus *hobbies*, pois havia se tornado um jovem muito bem de vida e uma das coisas de que ele gostava era fotografar e filmar. Então, existe um filme feito por ele no campo dos trabalhos forçados e que hoje está no Museu do Holocausto em Washington, disponível também na internet. Basta entrar no *site* do Museu do Holocausto, inserir o nome Licco Max Haim ou Licco Haim, entrar no arquivo do Spielberg e ali identificar uma coletânea de filmes de autoria do meu pai. Inicialmente, ele começou com esse registro no campo de trabalho e, entre 1938 e 1942, fez mais dez filmes como amador.

Esses filmes foram descobertos graças a Ilko Minev, meu primo-irmão, filho da irmã da minha mãe que tem exatamente a minha idade. Na verdade, ele nasceu no dia 3 de maio e eu no dia 11 de maio. Sempre brinco dizendo que ele é muito mais alto que eu, que eu ainda vou chegar lá. Esse meu primo ficou na Bulgária, de onde fugiu em 1970. No Brasil, mais recentemente, escreveu o livro *Onde estão as flores?*, romance que se baseia, em parte, na história dos meus pais. Os nomes dos personagens são os mesmos, apenas mudando os sobrenomes que foram “misturados”. Mas, graças ao livro escrito por Ilko Minev, é que surgiu a história dos filmes. Ilko lembrou-se de que havia uma mala em cima do armário com filmes, *slides* e negativos do meu pai. Alguém sugeriu que doássemos tudo, incluindo esse filme em particular para o Yad Vashem, pois poderia ser importante. Em nosso grupo, havia um advogado de Washington que também é um brasileiro: Mark London.

Mark London, conhecido da família do meu primo, havia realizado uma pesquisa na Amazônia cuja história conto, pois é muito interessante. Ao tomar conhecimento dos filmes, ele nos aconselhou:

- De jeito nenhum vocês vão mandar isso ao Yad Vashem!
- Como assim? Nós estávamos planejando ir esse ano para Israel e entregar o filme para o acervo do Yad Vashem – respondemos.
- Eu acho que existe o Museu do Holocausto em Washington, que é um lugar muito mais apropriado para esse tipo de material, porque é museu ligado à pesquisa. Eles irão colocar esse material na internet, que estará disponível a pesquisadores de qualquer lugar do mundo – sugeriu Mark London.

Na verdade, Mark London tinha um amigo que era um dos diretores do Museu do Holocausto de Washington. Ele entrou em contato com esse amigo e contou a história do filme, a mesma que havíamos contado para ele. Esse amigo falou: “Olha, não parece muito realista essa história, mas, se for verdade, é fantástico!”. Ele, imediatamente, nos escreveu dizendo: “Você não consegue vir para Washington para mostrar esse filme? Envie a eles para verem, pois não estão acreditando muito!”.

Por acaso, Ilko estava viajando aos Estados Unidos e eu à Europa. Conseguimos combinar de nos encontrar em Washington. Aí surgiu mais outra coincidência: Mark London disse

## Vozes do Holocausto

ser amigo de uma única pessoa da embaixada da Bulgária, em Washington: a embaixadora da Bulgária, cujo filho havia estudado com ele. São coincidências malucas que produziram ótimos resultados. Viajamos para Washington, levamos o filme em 8 mm e a cópia em um DVD: filme e DVD.

Assim, em 2014 tivemos uma reunião com pessoas da área de cinema do Museu do Holocausto. Eu estava com a latinha original do filme na mão quando a diretora da área de cinema perguntou: “Essa latinha é a do tal filme? Será que eu posso ver?”. Passei a latinha para ela que colocou luvas brancas, abriu a lata e desenrolou com o maior cuidado. Ficou olhando... Depois, enrolou o filme e o colocou de volta na latinha, e falou para seus colegas ali presentes: “Gente, é inacreditável, não só é um original, como está em ótimo estado de conservação”.

Até aquele momento, pelo visto, eles estavam muito desconfiados que tudo era conversa fiada. Mas o fato de os filmes estarem em ótimo estado de conservação pode ser explicado: quando saímos da Bulgária em 1948, meu pai decidiu colocar dentro do baú que levaria



Max Licco Haim filmando na Bulgária, s. d.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Salvatore Haim/SP;  
Arqshoah-Leer/USP.

todos os seus filmes, fotos e *slides* e negativos, ocupando assim uma parte considerável do espaço. Ele quase nunca mais falara no assunto, nem dava muita atenção. Aconteceu que esses filmes foram olhados de forma diferente pelos especialistas do Museu do Washington que constataram que não estávamos inventando: tínhamos mesmo o material... Quando terminamos de exibir o DVD, projetamos mais um dos filmes de meu pai que tínhamos mandado também converter, mais por curiosidade, para ver a que se referia.

Não tínhamos a menor ideia, ou melhor, tínhamos uma certa noção.

- Ah, o que é esse outro DVD, filme? – perguntou-me.
- Isso não tem nada que ver, é outro filme que meu pai fez naquela mesma época...! – respondi.
- É da época?
- É sim... da época. Além do filme sobre o campo de trabalho, meu pai fez mais dez filmes.
- Dez filmes?! Nossa...! Como é isso?

Expliquei a história dizendo que não sabia direito, mas que meu pai trouxe para o Brasil 11 filmes. Nós não sabíamos quantos! Mas dissemos que, de acordo com as anotações nas caixas, os filmes foram feitos entre 1938 e 1942. Além de não saber direito, eu disse:

– Os filmes nada têm de especial, pois o meu pai era um esportista. Tem filmes que o apresentam esquiando, escalando, passeando pelas montanhas...! Esse tipo de bobagem – comentei.

– Bobagem, nada! Nós precisamos disso, pois não temos quase nada sobre a Bulgária. E, sendo um filme feito pelo seu próprio pai, um judeu! – continuou dizendo que não tinham nada parecido. E, tem um negócio que achamos fantástico: é um filme de três minutos, filmado por alguém que foi para Polônia visitar seu *Shteitl*, sua família e filmou lá... Achamos fantástico!

– A gente deve ter umas três horas só... não é muito mais do que isso – comentamos.

– Nossa!!! Será que o senhor poderia deixar esse material para vermos?

– Bem, eu não tenho o que fazer com esse filme, eu ofereço a vocês... como as caixas de *slides*, alguns negativos... produzidos naquela época e que meu pai trouxe para o Brasil!

Contei que meu pai colocou tudo no baú da viagem, pois achava que seria importante. Depois, no Brasil, ninguém deu mais importância ao material. Resultado: entregamos tudo para o Museu do Holocausto de Washington. Quando eles viram a quantidade dos documentos doados, pediram desculpas e disseram que “iriam demorar para preparar todo esse material”. Realmente, nós entregamos tudo em janeiro de 2015 e, em maio desse mesmo ano, terminaram de remasterizar os filmes, melhorando a qualidade. Recebemos cópias de todos os filmes em DVDs, menos dois, que não havíamos encontrado. Levamos em maio. Agora estão preparando para publicação. Pediram para o meu primo, que ainda mora na Bulgária, dar uma verificada e conferida, o que já foi feito. Imagino que no começo de agosto deve estar tudo disponível no *site* do museu: uma boa quantidade de filmes!

Eles ficaram muito impressionados com o filme do campo de trabalhos forçados por ter sido feito por alguém que estava lá! Em trabalho forçado! Eles não sabem da existência de nenhum outro filme semelhante. Logo começou a especulação: “Como ele conseguiu fazer isso?”. Hoje, temos duas respostas possíveis: achamos que naquele momento – pelo fato de o meu pai ser uma pessoa conhecida na Bulgária – sabiam que ele filmava, sendo muito raro uma pessoa ter uma filmadora, pessoas que fazem filmes. Alguém, dentro do campo, pediu-lhe que fizesse o filme para alguma autoridade do Exército búlgaro que queria mostrar que

## *Vozes do Holocausto*

“não judiavam”. Mas ele filmou mais do que isso: fez filmes para ele, guardou uma parte e deu para a pessoa que pediu a filmagem. Essa é uma hipótese. A outra é mais recente: em 1941, o trabalho nesse campo era mais *light*... como dá para ver no filme. Quero dizer “leve”, ou seja, não era nada para matar ninguém, pelo contrário, era realmente para construir a estrada. Eles estavam construindo... Há cenas no filme quando um dos militares que está vigiando olha para o relógio, põe o apito na boca e apita. Em seguida, o pessoal para o trabalho, senta e acende o cigarro. Há cenas de pessoas comendo (não estavam morrendo de fome)... Aliás, um antissemita escreveu no *site* do museu, comentando o filme, o seguinte: “Isso não é nada, os nossos negros aqui eram muito mais maltratados! Isso é conversa de judeu!”.

Comentários... não dá para evitar! Quando fomos jantar com a embaixadora da Bulgária, surgiu a ideia de fazer o lançamento desses filmes na própria embaixada, no dia 7 de maio, exatamente no dia em que, em Sófia, terminara a guerra. Foi quando começaram a tocar os sinos, avisando que a guerra havia acabado. No dia do evento, minha filha teve a ideia de pegar o celular e filmar, logo após a primeira apresentação junto de Mark London, introduzindo como aqueles fatos começaram. Hoje, esses filminhos estão no YouTube, com os depoimentos registrados naquela noite. Metade das pessoas que lá estava lacrimejara, só de ouvir a história de meu pai e de como aqueles filmes chegaram ao Museu do Holocausto de Washington. Foi fantástico...! Bem, essa é a parte ligada ao museu. Os filmes são o legado do meu pai para a história dos judeus na Bulgária durante a *Shoah*.<sup>A</sup>

A- MANTOVANI, Flávia. Filme raro achado no Brasil mostra vida de judeus em campo na Bulgária. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/07/filme-raro-achado-no-brasil-mostra-vida-de-judeus-em-campo-da-bulgaria.html>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

*Salvatore Licco Haim*

## *In memoriam*



Berta e Max Licco Haim, pais de Salvatore Licco Haim.  
Fotógrafo desconhecido.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/07/filme-raro-achado-no-brasil-mostra-vida-de-judeus-em-campo-da-bulgaria.html>>.

Acesso em: 26 jul. 2017.

Em 1955, quando as coisas já estavam mais calmas, nasceu meu irmão Max Luiz Haim. Aí, um belo dia, meus pais compraram um sítio em Americana onde ficaram até o fim da vida. Minha mãe trabalhou até os 80 anos e meu pai até os 85. Adoravam o Brasil. Tiveram altos e baixos, e sempre souberam encarar, subir de novo na vida, não ter medo de problemas e resolver as coisas.

Apesar de judeus, meus pais foram cremados. Eles tinham um objetivo muito claro: queriam ser cremados, que a gente juntasse as cinzas e espalhasse

no sítio em Americana que haviam formado. E nós realizamos o desejo deles e, no dia das cinzas, fizemos um evento festivo como era o jeito deles.